

Manifesto pelo Tua

Publicado originalmente por ocasião do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, 18 Abril 2012

Está iminente a destruição do Vale do Tua, um dos últimos rios da Europa em estado natural e um dos mais belos de Portugal. Os signatários defendem a paragem imediata das obras em Foz Tua, antes que sejam cometidos danos irreparáveis sobre um património de inestimável valor social, ecológico e económico, parte da nossa herança cultural e identidade nacional.

Sete razões objectivas para parar a construção da barragem de Foz Tua:

1. Não cumpre os objectivos. Foz Tua faz parte do Programa Nacional de Barragens, que produziria no seu conjunto 0,5% da energia gasta em Portugal (3% da electricidade), reduzindo apenas 0,7% das importações de energia e 0,7% das emissões de gases de efeito de estufa. Foz Tua contribuiria com uns míseros 0,1% da energia do País.

2. Não é necessária. As metas do Programa já foram ultrapassadas com os reforços de potência em curso: a curto prazo dispostos no total de 7020 MW hidroeléctricos instalados (o Programa pretendia alcançar os 7000 MW), dos quais 2510 MW equipados com bombagem (o Programa previa chegar a 2000 MW), sem nenhuma barragem nova.

3. É cara. As novas barragens, se avançarem, custarão cerca de 16 000 milhões de euros, que os cidadãos vão pagar na factura eléctrica e nos impostos — uma média 1600 euros por português. Com estas barragens, durante os 75 anos das concessões, as famílias e empresas pagarão uma electricidade 10% mais cara (em cima dos aumentos já previstos), a favor das empresas eléctricas, das grandes construtoras e da banca.

4. Há alternativas melhores. Todos os objectivos de política energética podem ser cumpridos de forma muito mais eficaz e mais barata com opções alternativas, destacando-se duas medidas: (i) investimentos em eficiência energética, com custo por kWh 10 (dez) vezes menor que novas barragens; e (ii) reforço de potência das barragens existentes, com custo por kWh 5 (cinco) vezes menor que novas barragens.

5. É um atentado cultural. A albufeira de Foz Tua destruirá a centenária linha ferroviária do Tua, um vale com paisagens naturais e humanizadas de rara beleza, com elevado valor patrimonial e turístico, e põe já hoje em causa a classificação do Alto Douro Vinhateiro como Património da Humanidade (dificilmente a UNESCO irá tolerar a desfaçatez e a insensibilidade aqui demonstradas pelo Estado Português e pela EDP).

6. É um atentado ambiental. A albufeira de Foz Tua destruirá irreversivelmente solos agrícolas e habitats ribeirinhos raros, porá em risco espécies ameaçadas e protegidas, criará riscos adicionais de erosão no litoral devido à retenção de areias, e provocará inevitavelmente a degradação da qualidade da água.

7. É um atentado social. A barragem será o fim das comunidades já empobrecidas do Tua, e mais um golpe nas perspectivas de desenvolvimento de Trás-os-Montes, pela perda da mobilidade ferroviária e de produtos turísticos valiosos como os desportos de águas brancas e a ferrovia de montanha. Criar um emprego permanente no turismo é 11 (onze) vezes mais barato que um emprego na barragem. As migalhas espalhadas pela EDP nunca compensarão a destruição dos valores e identidade desta maravilhosa região.

Há empreendimentos cuja construção se justifica, vindo a constituir mais valias para o País. Outros, como a barragem de Foz Tua, empobrecem o País: não se pode comparar um património único, de beleza e valor extraordinários, com os benefícios marginais desta obra. É nossa responsabilidade garantir que as gerações futuras não sejam prejudicadas por decisões irreparáveis, e tenham oportunidade para apreciar como nós o Vale do Tua.

Os signatários deste manifesto vêm dos mundos da ciência, da cultura, da economia, da política, da cidadania; têm visões diferentes do País, mas unem-se numa vontade comum:

VAMOS SALVAR O TUA

Personalidades públicas subscritoras do Manifesto pelo Tua (Outubro 2012)

Adriano Bordalo e Sá, hidrobiólogo, professor do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar
Alexandra Cunha, professora universitária, Presidente da LPN
Ana Benavente, professora universitária
Ana Paula Amendoeira, Presidente da ICOMOS Portugal
António Carmona Rodrigues, professor na FCT-UNL, especialista em hidráulica
António Cerveira Pinto, artista
António d'Orey Capucho, Presidente da Fundação D. Luís I, político, ex-líder parlamentar do PSD
Arminda Deusdado, Jornalista, coordenadora do programa Biosfera
Catarina Martins, Actriz, deputada do BE
Clara Casanova Ferreira, Presidente da SPEA
Conceição Martins, Directora da Escola Superior de Educação de Bragança
Daniel Conde, membro fundador dos Movimentos Cívicos pelas linhas do Tua e do Corgo
Daniel Oliveira, jornalista e comentador político
Domingos Leitão, Coordenador do Programa Terrestre da SPEA
Duarte Pio, Chefe da Casa de Bragança
Eugénio Sequeira, investigador coordenador, conselheiro do CNADS, dirigente da LPN
Fábia Azevedo, Presidente da Aldeia
Fernando Gomes, empresário de animação turística
Fernando Pessoa, arquitecto paisagista, professor da Universidade do Algarve
Fernando Santana, Director da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL
Francisco Ferreira, professor na FCT-UNL, dirigente da Quercus
Francisco Louçã, economista e dirigente do BE
Gonçalo Ribeiro Telles, arquitecto paisagista
Graciela Nunes, membro fundadora do Movimento de Cidadãos pela Linha do Tua
Helena Freitas, Vice-Reitora da Universidade de Coimbra
Helena Matos, jornalista e comentadora política
Heloísa Apolónia, deputada e dirigente PEV
João Joanaz de Melo, professor na FCT-UNL, Presidente do GEOTA
João Labrincha, activista do Movimento 12 de Março
João Roquette, administrador-delegado da Esporão SA
Jorge Pelicano, realizador de cinema, autor do filme "Pare, Escute, Olhe"
José Archer, Presidente da ABAE
José Macário Correia, Presidente da Câmara Municipal de Faro, dirigente do PSD
José Manuel Fernandes, jornalista e comentador político
Luís Costa, Director executivo da SPEA
Luísa Amorim, administradora da Quinta Nova de Nossa Senhora do Carmo
Luísa Schmidt, jornalista e investigadora do ISC-UL
Manuel Maria Carrilho, professor, antigo embaixador de Portugal na UNESCO
Manuela Cunha, dirigente nacional do PEV
Mara Sé, engenheira do ambiente, membro do GAIA
Margarida Cancela d'Abreu, arquitecta paisagista, Presidente da APAP, professora na U. Évora
Mendo Castro Henriques, professor na U. Católica, Presidente do Instituto da Democracia Portuguesa
Miguel Roquette, director da Quinta do Crasto SA
Mila Simões de Abreu, arqueóloga, Cambridge University
Nuno Sequeira, biólogo, professor, Presidente da Direcção Nacional da Quercus
Paulo Talhadas Santos, professor universitário, Presidente do FAPAS
Pedro Felgar Couteiro, dirigente da COAGRET-Portugal
Pedro Mansilha Branco, produtor de vinho do Porto, Quinta do Portal
Pedro Valdjiu, músico, membro dos Blasted Mechanism
Ricardo Inverno, Presidente do Clube de Canoagem e Águas Bravas de Portugal
Rui Cortes, professor de Ecologia Fluvial na UTAD, membro do Conselho Nacional da Água
Rui Reininho, músico, Membro dos GNR
Viriato Soromenho-Marques, professor universitário e ensaísta